

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

# Espécies Arbóreas Brasileiras



**Sucupira**  
*Bowdichia virgilioides*

volume  
2

# Sucupira

*Bowdichia virgilioides*

Umbaúbas, SE (Plantio)



Cruz das Almas, BA



Edmar Ramos de Siqueira



Edmar Ramos de Siqueira



Umbaúba, SE

# Sucupira

*Bowdichia virgilioides*

## Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Bowdichia virgilioides* obedece à seguinte hierarquia:

**Divisão:** Magnoliophyta (Angiospermae)

**Classe:** Magnoliopsida (Dicotyledoneae)

**Ordem:** Fabales.

**Família:** Fabaceae (Leguminosae: Papilionoideae ou Faboideae)

**Gênero:** *Bowdichia*

**Espécie:** *Bowdichia virgilioides* Kunth

**Publicação:** nov. Gen. et Sp. 6:376, 1823

**Sinonímia botânica:** *Bowdichia major* Mart.; *Bowdichia pubescens* Benth.

**Nomes vulgares por Unidades da Federação:** sucupira, sucupira-mirim e sucupira-verdadeira, em Alagoas; paricarana, sapupira-do-campo, sucupira-amarela e sucupira-do-campo,

no Amazonas; sucupira, sucupira-amarela, sucupira-branca, sucupira-mirim, sucupira-parda, sucupira-roxa, sucupiruçu-branco e sucupiruçu-pardo, na Bahia; sucupira e sucupira-branca, no Ceará; sucupira-do-cerrado, em Goiás; macanaíba, macanaíba-parda, macanaíba-pele-de-sapo, sucupira-parda e sucupira-preta, no Espírito Santo; sucupira-preta, no Maranhão e no Pará; sucupira, sucupira-pele-de-sapo, sucupira-preta e sucupira-roxa, em Mato Grosso; sucupira, em Mato Grosso do Sul, no Piauí e em Sergipe; sucupira-branca, sucupira-do-campo, sucupira-do-cerrado, sucupira-preta, sucupira-rosa e sucupira-roxa, em Minas Gerais; sucupira, sucupira-doce e sucupira-mirim, na Paraíba; sucupira-doce, sucupira-mirim e sucupira-verdadeira, em Pernambuco; paricarana, em Roraima; chico-pires, cipirira, sebipira, sucupira, sucupira-do-cerrado, sucupira-parda e sucupira-preta, no Estado de São Paulo.

**Nomes vulgares no exterior:** *sucupira*, na Bolívia.

**Etimologia:** o nome genérico *Bowdichia* é em homenagem a Bowdich. O epíteto específico *virgilioides* é por ser parecido com virgília, uma leguminosa arbórea africana.

O nome vulgar sucupira vem do sapó raiz, *pi* ou *pira nua*, ou de *cibepyra* “a alisada”, “a esfregada”, referindo-se à característica da madeira (madeira polida).

## Descrição

**Forma biológica:** arvoreta a árvore decídua. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 15 m de altura e 60 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

**Tronco:** é reto ou contorcido. O fuste é curto, medindo até 5 m de comprimento.

**Ramificação:** é dicotômica.

**Casca:** chega a medir até 15 mm de espessura. A superfície da casca externa é dura e rugosa, áspera e fendilhada, com cristas irregulares, apenas com sulcos superficiais, de cor cinzento-escura a parda.

**Folhas:** compostas e pinadas, de inserção alterna, com folíolos medindo de 6 a 10 cm de comprimento.

**Inflorescências:** em panículas.

**Flores:** é de coloração azul-escura ou violeta, medindo de 2 a 3 mm de comprimento.

**Fruto:** é um legume simples, seco, polispérmico, indeiscente e monocarpelar. A superfície desse fruto é glabra e de coloração castanho-clara, com tons escuros sob os núcleos seminíferos, discretamente reticulada e com asas estreitas na ponta superior, medindo de 3,3 a 7,1 cm de comprimento por 1,1 a 1,4 cm de largura, com 1 a 8 sementes.

**Semente:** é obovada, ovada ou oblonga e comprimida lateralmente. Mede de 3,3 a 6,3 mm de comprimento e 2,8 a 4,0 mm de largura. A superfície é glabra, brilhante e lisa. Apresenta coloração variando entre castanho-escuro, tons avermelhados e ferrugíneos, sendo estas duas últimas as mais comuns.

## Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

**Sistema sexual:** essa espécie é monóica.

**Vetor de polinização:** essencialmente abelhas grandes, da família Anthophoridae (RAMALHO et al., 1998), a abelha européia ou africanizada –

*Apis mellifera* (CARVALHO; MARCHINI, 1999) e diversos insetos pequenos.

**Floração:** de junho a agosto, em Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994); de junho a setembro, no Estado de São Paulo (MANTOVANI; MARTINS, 1993); de julho a agosto, em Goiás; de setembro a dezembro, em Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1990; PIRANI et al., 1994) e em Pernambuco (CARVALHO, 1976) e de outubro a dezembro, na Bahia e em Sergipe.

**Frutificação:** os frutos amadurecem de setembro a outubro, em Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994); de outubro a novembro, no Estado de São Paulo; de dezembro a março, em Sergipe; de janeiro a fevereiro, no Espírito Santo (JESUS; RODRIGUES, 1991) e de janeiro a abril, em Pernambuco (CARVALHO, 1976).

**Dispersão de frutos e sementes:** anemocórica (pelo vento) (MANTOVANI; MARTINS, 1993; COSTA et al., 2004).

## Ocorrência Natural

**Latitudes:** de 2° N, em Roraima, a 24° 20' S, no Paraná. O limite Norte de ocorrência dessa espécie dá-se a 09° 25' N, na Venezuela (MEDINA; FRANCISCO, 1994).

**Variação altitudinal:** de 10 m a 1.740 m de altitude, na Serra da Piedade, MG (BRANDÃO; GAVILANES, 1990).

**Distribuição geográfica:** *Bowdichia virgilioides* ocorre, de forma natural, na Bolívia (KILLEEN et al., 1993), na Colômbia (RANGEL et al., 1997) e na Venezuela (MEDINA; FRANCISCO, 1994).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 59):

- Alagoas (TAVARES et al., 1975; CAMPELO; RAMALHO, 1989; FERREIRA; BATISTA, 1991; TAVARES, 1995b; AUTO, 1998).
- Amapá (SANAIOTTI et al., 1997).
- Amazonas (SILVA et al., 1989).
- Bahia (MELLO, 1968/1969, 1973; LEWIS, 1987; JESUS, 1988b; PINTO et al., 1990; MONTAGNINI et al., 1994; CARVALHO; MARCHINI, 1999; JESUS et al., 2000; MENDONÇA et al., 2000; OLIVEIRA et al., 2000; SANTOS et al., 2002; ZAPPI et al., 2003).
- Ceará (ARRAES, 1969; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; TAVARES et al., 1974b; ALBUQUERQUE, 1987; FERNANDES, 1990; COSTA et al., 2004).

- Distrito Federal (FILGUEIRAS; PEREIRA, 1990; WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (MAGNANINI; MATTOS FILHO, 1956; JESUS, 1988a).
- Goiás (RIZZO, 1970; LOPES, 1992; MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA et al., 2002).
- Maranhão (RIZZINI, 1976; IMAÑA-ENCINAS et al., 1995; CONCEIÇÃO et al., 1997; GUIMARÃES; RÊGO, 1997).
- Mato Grosso (PEREIRA; MAINIERI, 1957; OLIVEIRA FILHO; MARTINS, 1986; POTT; POTT, 1994; PINTO, 1997; FELFILI et al., 1998; MARIMON; LIMA, 2001; AMOROZO, 2002; FELFILI et al., 2002).
- Mato Grosso do Sul (PEREIRA; MAINIERI, 1957; LEITE et al., 1986; POTT; POTT, 1994).
- Minas Gerais (HEISEKE; LAMAS, 1974; RIZZINI, 1975; THIBAU et al., 1975; MAGALHÃES; FERREIRA, 1981; MOTA, 1984; CAPRARA; VENTORIM, 1988; BRANDÃO; GAVILANES, 1990; GAVILANES et al., 1990; COSTA NETO; COUTO, 1991; RAMOS et al., 1991; BRANDÃO; ARAÚJO, 1992; BRANDÃO; GAVILANES, 1992; CARVALHO, 1992; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992a, b; BRANDÃO et al., 1993a, c; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO; SILVA FILHO, 1994; BRANDÃO et al., 1994; KUHLMANN et al., 1994; PIRANI et al., 1994; BRANDÃO, 1995; BRANDÃO et al., 1995d; LACA-BUENDIA; BRANDÃO, 1995; VILELA et al., 1995; BRANDÃO et al., 1996; GAVILANES et al., 1996; MEIRA-NETO et al., 1997; BRANDÃO et al., 1998a, b; MEIRA-NETO et al., 1998; PEREIRA; BRANDÃO, 1998; GARCIA; NEVES, 1999; ATTALA et al., 2000; COSTA; ARAÚJO, 2001; CARVALHO, 2002; SAPPARETTI JUNIOR et al., 2003a; GOMIDE, 2004).
- Pará (MACIEL et al., 2000).
- Paraíba (DUCKE, 1953; LIMA, 1962; ANDRADE-LIMA; ROCHA, 1971; FEVEREIRO et al., 1982; MAYO; FEVEREIRO, 1982; OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).
- Pernambuco (DUCKE, 1953; ARRAES, 1969; LIMA, 1970; PEREIRA et al., 1993; TAVARES, 1995b).
- Piauí (LUETZELBURG, 1922/1923; ARRAES, 1969; CASTRO et al., 1982; FERNANDES, 1982; FERNANDES et al., 1985; JENRICH, 1989).
- Rio Grande do Norte (LUETZELBURG, 1922/1923; TAVARES, 1960; FREIRE, 1990).
- Roraima (MIRANDA; ABSY, 2000; FERREIRA et al., 2002).
- Estado de São Paulo (BARROS, 1965/1966; CAMARGO; MARINIS, 1966; SILBERBAUER-GOTTSBERGER; EITEN, 1983; MANTOVANI et al., 1985; PAGANO et al., 1989; BATISTA; COUTO, 1990; BRANDÃO et al., 1995d; BATALHA; MANTOVANI, 2001; BERTONI et al., 2001).
- Sergipe (LIMA et al., 1979; SOUZA et al., 1993; SANTOS et al., 1996; SOUZA; SIQUEIRA, 2001).

## Aspectos Ecológicos

**Grupo ecológico ou sucessional:** a sucupira é uma espécie pioneira (AMORIM, 1996) a secundária tardia (FERRETTI et al., 1995) ou clímax exigente em luz (PINTO, 1997).

Pelas características apresentadas nessa espécie, ela poderia ser considerada como adaptada a germinar mesmo sob condições de pouca disponibilidade de água e ter sua germinação estimulada em áreas abertas ou de grandes clareiras, onde predominam temperaturas mais elevadas e luz do tipo vermelha. Esse padrão de comportamento estaria mais associado a espécies colonizadoras de estágios sucessionais iniciais (EULER; PIÑA-RODRIGUES, 1995).

**Importância sociológica:** espécie freqüente em todas as terras altas da Zona da Mata, em formações primárias e sobretudo secundárias (DUCKE, 1953). Na floresta, ocorrem indivíduos simples.

## Biomassas / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

### Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifolia), na formação Submontana, no norte de Minas Gerais (KUHLMANN et al., 1993).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Semicaducifolia), nas formações Submontana e Montana, em Minas Gerais (MEIRA-NETO et al., 1998; CARVALHO, 2002), com freqüência de 3 a 11 indivíduos por hectare (OLIVEIRA-FILHO et al., 1994; MEIRA NETO et al., 1997).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), na formação Submontana, em Alagoas (FERREIRA; BATISTA, 1991);



**Mapa 59.** Locais identificados de ocorrência natural de sucupira (*Bowdichia virgilioides*), no Brasil.

TAVARES, 1995b). O volume de madeira no norte do Espírito Santo é de 0,08 m<sup>3</sup>/ha, com frequência de 0,03 árvores/ha.

- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), na Paraíba, onde é rara (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).

#### Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, na Bahia, no Ceará, em Goiás, no Maranhão, em Mato Grosso, em Minas Gerais, no Pará, no Piauí, em Roraima, no Estado de São Paulo e em Sergipe (SANTOS et al., 1996), com frequência de 1 a 38 indivíduos por hectare (RIZZINI, 1975; SILBERBAUER-GOTTSBERGER; EITEN, 1983; MARIMON et al., 1998; FELFILI et al., 2002; SILVA et al., 2002).
- Savana Florestada ou Cerradão, em Minas Gerais (COSTA NETO; COUTO, 1991; BRANDÃO; GAVILANES, 1992; BRANDÃO

et al., 1998) e no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999; BATALHA; MANTOVANI, 2001; COSTA; ARAÚJO, 2001).

#### Bioma Caatinga

- Savana-Estépica ou Caatinga, em Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1994b).

#### Bioma Pantanal

- Pantanal Mato-Grossense (POTT; POTT, 1994).

#### Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2004) e em Minas Gerais (VILELA et al., 1995; GAVILANES et al., 1996; GOMIDE, 2004), com frequência de 3 a 17 indivíduos por hectare (MEIRA-NETO et al., 1997; 1998).
- Brejos de altitude, no Ceará, na Paraíba e em

Pernambuco, com frequência de 0 a 21 indivíduos por hectare (TAVARES et al., 1974b).

- Campo limpo GARCIA; NEVES, 1999).
- Campo de murundu, em Uberlândia, MG (RESENDE et al., 2004).
- Campo rupestre, na Serra da Bocaina, MG, onde sua presença é rara (CARVALHO, 1992).
- Campo sujo, em Goiás (MUNHOZ; PROENÇA, 1998).
- Contato duna / Vegetação com Influência Marinha (Restinga), na Bahia (RAMALHO et al., 1998).
- Contato Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Amazônica) / Savana ou Cercado, em Mato Grosso (FELFILI et al., 1998).
- Ecótono Savana / Restinga, na Paraíba, onde é comum (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).

## Clima

**Precipitação pluvial média anual:** de 700 mm, na Bahia, a 2.500 mm, em Pernambuco.

**Regime de precipitações:** chuvas uniformemente distribuídas, no sul da Bahia, e periódicas, nas demais regiões.

**Deficiência hídrica:** nula ou pequena, na faixa costeira do sul da Bahia. De pequena a moderada, no inverno, no centro e no leste do Estado de São Paulo, no sul de Minas Gerais, no sudoeste do Espírito Santo, no Distrito Federal e no sul de Goiás. De pequena a moderada, na faixa costeira de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, no Pará e no Amazonas. Moderada, no inverno, no sudeste e no leste de Minas Gerais, e no oeste do Estado de São Paulo. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais e no centro de Mato Grosso. De moderada a forte, no oeste da Bahia, no Ceará e no norte do Maranhão.

**Temperatura média anual:** 18,1 °C (Diamantina, MG) a 26,8 °C (Caxias, MA).

**Temperatura média do mês mais frio:** 15,3 °C (Diamantina, MG) a 25,8 °C (Caxias, MA).

**Temperatura média do mês mais quente:** 20 °C (Diamantina, MG) a 29,2 °C (Caxias, MA).

**Temperatura mínima absoluta:** -3 °C (Jaguariá, PR).

**Número de geadas por ano:** ausentes ou raras, no Paraná e no Estado de São Paulo.

**Classificação Climática de Koeppen:** Af (tropical superúmido), na faixa costeira do sul

da Bahia. **Am** (tropical chuvoso, com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração), no Amapá, no Pará e em Roraima. Também, na faixa costeira da Paraíba e de Pernambuco. **As** (tropical chuvoso, com verão seco a estação chuvosa se adiantando para o outono), em Alagoas, na Paraíba, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e em Sergipe. **Aw** (tropical úmido de savana, com inverno seco), na Bahia, no Ceará, no Espírito Santo, no Maranhão, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Piauí e no Estado de São Paulo. **Cwa** (subtropical, de inverno seco e verão chuvoso), no Distrito Federal, em Goiás, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), na Chapada Diamantina, BA, no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

## Solos

*Bowdichia virgilioides* apresenta tolerância a solos secos, de fertilidade química baixa e com textura arenosa. No Nordeste do Brasil, ocorre em áreas de tabuleiro.

## Sementes

**Colheita e beneficiamento:** os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciarem a queda espontânea. Em seguida, devem ser expostos ao sol, para secar, o que facilitará a abertura e a retirada das sementes. Carvalho (2000) recomenda que os frutos devam ser colocados em saco de aniagem e batidos com martelo de borracha, devendo-se retirar os resíduos em seguida. Pode-se também semear as pequenas vagens inteiras, como se fossem sementes, mas isso pode resultar em mudas defeituosas (LORENZI, 1992).

**Número de sementes por quilo:** 39 mil (CARVALHO, 1976); 40 mil (JESUS; RODRIGUES, 1991) a 106.300 (AMORIM, 1996).

**Tratamento pré-germinativo:** as sementes dessa espécie têm dormência pronunciada, devido à impermeabilidade do tegumento, o que dificulta sua germinação. Para a superação da dormência, recomenda-se escarificação química em ácido sulfúrico concentrado por 2 a 10 minutos (LOUREIRO et al., 1995; PAIVA; GARCIA, 1998; CAMARGO; FERRONATO, 1999; RANGEL et al., 1999). Os tratamentos térmicos a 100 °C, por 15 a 30 segundos, apresentaram efeito fortemente depressivo na germinação das sementes dessa espécie (CAMARGO; FERRONATO, 1999).

**Longevidade e armazenamento:** as sementes apresentam comportamento ortodoxo quanto ao

armazenamento (CARVALHO, 2000). Essa espécie apresenta dormência pós-colheita. De uma porcentagem inicial de 25%, passou para uma média de 36% ao final de 24 meses de armazenamento (JESUS; RODRIGUES, 1991).

Sementes dessa espécie, com 85% de germinação inicial, quando armazenadas após a secagem a

5 °C e a -18 °C, apresentaram, respectivamente, 88% e 87% de germinação (CARVALHO, 2000).

Outro lote, armazenado por 8 meses, não apresentou diferenças estatísticas entre a viabilidade das sementes armazenadas em câmara fria (em sacos de plásticos a -15 °C) ou em sacos de papel em temperatura ambiente (PINHEIRO et al., 2002).

**Germinação em laboratório:** as sementes de sucupira germinam dentro de uma ampla faixa de temperaturas (15 °C até 35 °C), sendo 25 °C a temperatura ótima (ANDRADE et al., 1995).

## Produção de Mudanças

**Semeadura:** pode ser feita em sementeiras, com posterior repicagem para recipientes, sacos de polietileno ou tubetes de polipropileno de tamanho grande. Recomenda-se a repicagem de 2 a 4 semanas após a semeadura. O sistema radicial da sucupira é pivotante, com raiz axial cilíndrica lenhosa e com abundante ramificação lateral, homoganeamente distribuída em toda a sua extensão. As raízes criam tubérculos ocasionais (RIZZINI, 1971). Na raiz da sucupira, forma-se uma batata ou tubera, uma espécie de reserva para os períodos secos.

**Germinação:** é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência tem início de 10 a 25 dias, após a semeadura (CARVALHO, 1976; RIBEIRO; SIQUEIRA, 2001). O poder germinativo para sementes com superação de dormência varia de 45% a 88%, enquanto para sementes sem superação de dormência, de 0% a 2,1%. As mudas atingem porte adequado para plantio entre 4 e 5 meses, época em que estão prontas para o plantio no local definitivo.

**Associação simbiótica:** as raízes da sucupira

são fixadoras de nitrogênio, associando-se com *Rhizobium*, formando nódulos crotalóides com baixa atividade da nitrogenase (FARIA et al., 1984b; MONTAGNINI et al., 1994). Em 64% das plantas analisadas, observou-se a presença de nódulos, cerca de  $4,1 \pm 0,67$  mm, geralmente localizados na porção superior e mediana do sistema radicial (SILVEIRA; RIBEIRO, 1997).

**Propagação vegetativa:** Silveira et al. (1996) obtiveram sucesso na proliferação in vitro utilizando explantes de brotos de sucupira em meio de cultura Murashige; Skoog adicionado de 6-Benzilamino purina (BAP).

## Características Silviculturais

Espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

**Hábito:** necessita de poda de condução e dos galhos.

**Métodos de regeneração:** a sucupira cresce tão bem em plantios puros densos a pleno sol, em plantios mistos bem diversificados, como em condições de sombreamento parcial.

Apresenta boa brotação da touça, podendo ser manejada pelo sistema de talhadia (BARROS, 1965/1966).

**Sistemas agroflorestais:** essa espécie é deixada na floresta como árvore de sombra.

## Crescimento e Produção

A sucupira apresenta crescimento moderado (Tabela 51), podendo atingir uma produção volumétrica estimada de até  $5,40 \text{ m}^3 \cdot \text{ha}^{-1} \cdot \text{ano}^{-1}$  aos 4 anos de idade. Ela atinge espessura comercial após 15 a 20 anos, sendo que a madeira para obras só é viável após 25 anos (TIGRE, 1970).

## Características da Madeira

**Massa específica aparente (densidade):** a madeira da sucupira é densa ( $0,83$  a  $1,11 \text{ g} \cdot \text{cm}^{-3}$ ),

**Tabela 51.** Crescimento de *Bowdichia virgilioides*, em plantios, na Bahia e em Sergipe.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Santa Cruz de Cabrália, BA <sup>(1)</sup>	14	2 x 2	...	9,4	11,4	...
Umbaúba, SE <sup>(2)</sup>	4	3 x 3	100,0	5,60	9,4	...

(a) (...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: <sup>(1)</sup> Montagnini et al. (1994)

<sup>(2)</sup> Siqueira e Ribeiro (2001)

a 15% de umidade (PEREIRA; MAINIERI, 1957; MAINIERI; CHIMELO, 1989; JANKOWSKY et al., 1990).

**Massa específica básica:** 0,74 g.cm<sup>-3</sup> (JANKOWSKY et al., 1990).

**Cor:** o cerne varia do pardo-acastanhado ao castanho-escuro, com numerosas e largas riscas mais claras, correspondendo às linhas vasculares envolvidas pelo parênquima axial. O alburno é nitidamente demarcado, branco a levemente amarelado.

**Características gerais:** apresenta superfície irregularmente lustrosa e moderadamente lisa ao tato. É de aspecto fibroso a textura grosseira. Grã direita ou irregular. O cheiro e o gosto são imperceptíveis.

**Durabilidade natural:** em ensaios de laboratório, a madeira dessa espécie demonstrou resistência ao ataque de organismos xilófagos.

**Preservação:** em ensaios de laboratório, quando submetida à impregnação sob pressão, a madeira da sucupira demonstrou ser impermeável ou pouco permeável a soluções preservantes.

**Outras características:** madeira dura ao corte, muito fibrosa e fácil de rachar (TIGRE, 1970). A anatomia da madeira dessa espécie pode ser encontrada em Mainieri; Chimelo (1989) e em Mattos et al. (2003). Características físicas e mecânicas da madeira dessa espécie podem ser encontradas em Pereira e Mainieri (1957); em Mainieri e Chimelo (1989) e em Jankowsky et al. (1990).

## Produtos e Utilizações

**Madeira serrada e roliça:** a madeira de sucupira é muito versátil, podendo ser usada para folhas faqueadas decorativas, móveis de luxo, esquadrias, acabamentos internos como tacos e tábuas para assoalhos e lambris; em construções externas, pode ser utilizada como vigas, caibros, ripas, cruzetas, dormentes, pontes, trabalhos de marcenaria e de carpintaria, especialmente para tornos e fusos de prensa e laminação.

**Energia:** a lenha dessa espécie é de primeira qualidade.

**Celulose e papel:** a sucupira é inadequada para esse uso.

**Constituintes fitoquímicos:** as cascas e os tubérculos que se formam nas raízes das árvores jovens contêm um alcalóide, a sucupirina, que tem ação depurativa.

Na semente, são encontrados: substâncias fenólicas (fenóis, taninos, antocianinas e flavonóides),

esteróides, triterperóides, saponinas, resinas, alcalóides e ácido clorogênico (GUIMARÃES; RÉGO, 1997).

Das sementes dessa espécie, extrai-se 8,4% de galactomanana, com a relação manose/galactomanana igual a 0,9 (BUCKERIDGE et al., 1995).

**Substâncias tanantes:** na Chapada do Araripe, no sul do Ceará, a casca dessa espécie é retirada para extração do tanino (PINHEIRO, 1997). A sucupira apresenta teor de taninos condensados na casca de até 8,44% (TRUGILHO et al., 1997).

**Alimentação animal:** a forragem da sucupira apresenta alto teor de proteína bruta. Contudo, essa espécie é raramente pastada no Pantanal Mato-Grossense (POTT; POTT, 1994).

**Apícola:** essa espécie tem bom potencial apícola (POTT; POTT, 1994; GAVILANES; BRANDÃO, 1996).

**Medicinal:** a sucupira é popularmente conhecida por suas propriedades terapêuticas no tratamento da sífilis, do reumatismo, do diabetes e das afecções cutâneas. As cascas são amargas e adstringentes, sendo empregadas, com proveito, no combate a diarreias crônicas e como depurativo (CAMPELO; RAMALHO, 1989). Seu chá é considerado depurativo do sangue (TIGRE, 1970). Também apresenta propriedades anti-reumáticas, anti-ártríticas, sendo usada no tratamento de diabetes e de dermatoses diversas (BERG, 1986). A resina da sucupira é aplicada com a mesma finalidade do uso das cascas. O óleo da semente é utilizado como anti-reumático. Os tubérculos da raiz são apreciados pelo povo como fármaco. A casca, a semente e a raiz, na forma de garrafadas, são usadas contra o diabetes, febre e são depurativas (BARROS, 1982).

**Paisagístico:** essa espécie é extremamente ornamental quando em flor, podendo ser empregada, com sucesso, no paisagismo em geral. É particularmente útil para arborização de ruas estreitas (RAMOS et al., 1991; LORENZI, 1992).

**Plantios em recuperação e restauração ambiental:** espécie recomendada em recuperação de área degradada.

**Resina:** da casca ferida ou brocada pelos insetos, exsuda uma resina castanho-clara, que seca ao ar e se desfia em pedaços. Essa resina é densa, e chamada “goma de sucupira”, que ao ser usada como remédio, tem as mesmas propriedades da casca.

## Principais Pragas

Paiva e Garcia (1998), encontraram apenas 53% das sementes em bom estado.

## Espécies Afins

O gênero *Bowdichia* Kunth é composto por quatro espécies na parte tropical da América do Sul. Bentham (1862) reconheceu três variedades dessa espécie. Yakolev (1972) listou quatro formas e colocou as variedades propostas por Bentham

como sinônimas: formas *ferruginea*, *major* e *virgilioides*.

Entre outras espécies conhecidas por sucupira, destacam-se a sucupira-branca ou faveiro (*Pterodon emarginatus*) e a sucupira-da-amazônia (*Bowdichia nitida*).

**Embrapa**

---

**Florestas**

**Referências Bibliográficas**

**clique aqui**